

Passivas analíticas escritas por falantes do português de Moçambique

Diocleciano Nhатуе*

Resumo: O objetivo deste artigo é descrever a produção/escrita de orações passivas no português de Moçambique. O estudo baseia-se nas teorias gerativo-transformacional e de aprendizagem das línguas, e adota uma abordagem mista. Os resultados revelam o predomínio das eventivas e curtas e um maior índice de passivas convergentes com o português europeu em relação ao número de ocorrências divergentes que envolvem, sobretudo, verbos ditransitivos. O estudo sugere que os aprendentes moçambicanos de português recorrem à gramática das línguas maternas (*Full Transfer*) e têm acesso à gramática universal (*Full Access*) no processo de aprendizagem e produção/escrita das passivas.

Palavras-chave: Orações passivas. Português de Moçambique. Tendências. *Full Transfer/Full Access*.

Abstract: This paper aims to examine the learning and production of passive clauses in Mozambican Portuguese. The study is enlightened by generative-transformational and language learning theories, and it adopts qualitative and quantitative approaches. Data analysis reveal that eventive and short passives prevail, and syntactic structures according to European Portuguese surpass non-target passives mostly involving ditransitive verbs. The study suggests that Mozambican learners of the Portuguese language resort to the grammar of their mother tongue (*Full Transfer*) and they also have access to the Universal Grammar (*Full Access*) in the process of learning and writing passive sentences.

Keywords: Passive clauses. Mozambican Portuguese. Tendencies. *Full Transfer/Full Access*.

Resumen: El objetivo de este artículo es describir la producción de oraciones pasivas en portugués mozambiqueño. El estudio se basa en teorías generativas-transformacionales y de aprendizaje de idiomas, y adopta un enfoque mixto. Los resultados revelan el predominio de eventivas y breves y una mayor tasa de pasivas convergentes con el portugués europeo en comparación con el número de ocurrencias divergentes que involucran, principalmente, verbos ditransitivos. El estudio sugiere que los estudiantes mozambiqueños de portugués utilizan la gramática de lenguas maternas (*Full Transfer*) y tienen acceso a la gramática universal (*Full Access*) en el proceso de aprendizaje y producción de pasivas.

Palabras clave: Oraciones pasivas. Portugués de Mozambique. Tendencias. *Full Transfer/Full Access*.

* Doutor em Linguística do Português pela Universidade de Coimbra. <http://orcid.org/0000-0003-4749-1348> / E-mail: djrnhatuve@gmail.com



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

1 Introdução

O português de Moçambique (PM) é uma variedade emergente (basicamente desenvolvida com base em processo formal de ensino) com aspectos fonéticos, sintáticos, morfossintáticos e de estratégias comunicativas que a distanciam do português europeu (PE) (FIRMINO, 2021, 2008; NHATUVE, 2017), embora essa última variedade seja oficialmente cultivada na escola moçambicana. Autores que se têm dedicado à descrição do PM destacam mudanças significativas nas áreas:

- (a) de léxico (ex.: (1));
- (b) de concordância sintática (ex.: (2)) e (ex.: (3));
- (c) de uso de artigos (ex.: (4));
- (d) de construção de orações relativas (ex.: (5)),
- (e) de uso dos clíticos (ex.: (6));
- (f) de construção do imperativo (ex.: (7)),
- (g) de formação de passivas eventivas (ex.: (8)), entre outros aspectos.

Exemplos:

- (1) Khenhar (FIRMINO, 2008); ngungunhânico (Observatório de Neologismos do Português de Moçambique)
- (2) [...] as nossas sinceras desculpa... (NHATUVE; FONSECA, 2013)
- (3) A delimitação das fronteiras [...] facilitam o melhor aproveitamento dos recursos (NHATUVE; FONSECA, 2013).
- (4) Todos alunos foram à praça (ATANÁSIO, 2002).
- (5) Tenho uma amiga que acontece a mesma coisa com ela (GONÇALVES *et al.*, 1998).
- (6) Levam a miúda para o quarto, vestem-lhe (GONÇALVES *et al.*, 1998); O João viu ela... (NHATUVE; FONSECA, 2013).

(7) Não fala conosco (tu); Falam conosco (Vocês) (NHATUVE, 2018)

(8) A Maria foi oferecida, pelo Paulo, um livro (NHATUVE, 2021)

O contato entre o português e as línguas *bantu* faladas em Moçambique e a questão de atribuir (de forma (in)consciente) características próprias (moçambicanizantes) ao PM (NHATUVE, 2017; FIRMINO, 2008) propiciam a ocorrência de realizações linguísticas que não se conformam com o PE. A descrição dessas realizações do PM – e das estruturas passivas nesse caso particular – constitui um contributo valioso para o conhecimento dos comportamentos dos diferentes grupos de falantes no uso do português.

As orações passivas analíticas, diferentemente das sintéticas, particularizam-se pelas transformações por que passam o sujeito, o verbo e o objeto direto (OD) da respectiva ativa (CHOMSKY, 1957, 1965). Entretanto, observamos, no PM, a tendência de transformar o elemento com a função de objeto indireto (OI) da ativa em sujeito da passiva. Dependendo dos processos transformacionais e dos movimentos operados, as passivas podem ser básicas, quando o verbo é transitivo direto e não apresentam o sintagma *por* (ex.: (9)), ou não básicas, quando o verbo tem outras características argumentais (verbos intransitivos (ex.: (10)) ou ditransitivos (ex.: (11)), por exemplo) e/ou apresentam o sintagma *por* com o papel temático de agente (KEENAN; DRYER, 2006; DUARTE, 2013). Aliás, quando a passiva não apresenta o sintagma *por*, é designada passiva curta, em oposição à passiva longa que apresenta o complemento agente da passiva.

Exemplos:

(9) O ladrão foi descoberto.

(10) Lembe leli kafiwa ngophu (*changana*)
ano este morre-se muito

‘Neste ano morre-se muito.’ (NGUNGA; SIMBINE, 2012)

(11) Um livro bonito foi oferecido à Maria pelo Paulo. (NHATUVE; MAVOTA, 2021)

Como podemos observar na frase 10, nas LB, as passivas são formadas através de extensões verbais *-iw-*, não se atestando nenhum outro mecanismo sintático. (NGUNGA;

SIMBINE, 2012). Este é um dos principais aspectos que diferenciam os mecanismos de passivização nas LB dos do Português. Ademais, o exemplo 10 ilustra a possibilidade de formação de passivas de verbos intransitivos em *changana*, possibilidade que não se observa no caso de passivas analíticas do PE.

Dependendo do verbo auxiliar e/ou do aspecto verbal, as sentenças passivas podem ser eventivas (com auxiliar *ser*), estativas (com auxiliar *estar*) ou resultativas (com auxiliar *ficar*) (EMBICK, 2004, 2009; DUARTE; OLIVEIRA, 2010; ESTRELA, 2014; JÚNIOR; AUGUSTO, 2017). Entretanto, essa tipologia tem implicações no âmbito dos processos transformacionais e movimento de elementos (DUARTE, 2013), como veremos na seção 3.

Neste contexto, conscientes de que as estruturas passivas em português são desenvolvidas depois das ativas, interessa-nos, em primeiro plano, observar, em diferentes grupos de aprendizes e falantes moçambicanos do português, os índices de ocorrências de orações passivas na língua escrita, a frequência de ocorrência dos diferentes tipos de passivas (curtas vs. longas; eventivas vs. estativas vs. resultativas). Em segundo plano, constitui nosso objetivo descrever as passivas do PM tendo em conta os processos transformacionais e o movimento dos diferentes elementos. Assim, poderemos identificar as tendências relativas à passivização de verbos agentivos e não agentivos, monotransitivos e ditransitivos, e à ocorrência de realizações convergentes e divergentes em relação ao PE, em subgrupos de falantes diferentes. Em última instância, intentamos identificar argumentos teóricos que sustentem as tendências referentes à produção/escrita de passivas no PM.

Por um lado, o estudo possibilita a identificação das tendências e estratégias de construção de sentenças passivas, uma área da sintaxe do português em que, de acordo com vários autores (GONÇALVES, 1990, 2002, 2005, 2010a; NHATUVE; FONSECA, 2012, entre outros), são claramente visíveis as tendências de apropriação e nativização do português pelos falantes moçambicanos. Trata-se de um processo (in)consciente resultante de aplicação de estratégias e regras sintáticas que não se conformam com o PE (cf. FIRMINO, 2008 sobre a nativização do PM).

Por outro, o estudo revela-se pertinente no âmbito da descrição da nova variedade do português emergente em Moçambique, por envolver subgrupos de

diferentes níveis de aprendizagem. São todos falantes de línguas maternas (LM) *bantu*, alunos/estudantes do 7.º (com idades entre os 12 e 14 anos) e 12.º (com idade entre os 16 e 20 anos) anos de escolaridade e universitários (com idades entre os 18 e 30 anos). A análise das realizações destes subgrupos permitirá a identificação de aspectos que, sendo ou não particulares do PM, são comuns a diferentes camadas de falantes (cf. NHATUVE, 2017 sobre a normatização do PM, que depende da identificação de aspectos comuns em diferentes estratos de falantes e tomá-los como verdadeiras marcas dessa variedade).

A base empírica deste estudo é constituída por estruturas passivas escritas. A preferência por este tipo de dados justifica-se pelo fato de permitir a observação do impacto do processo instrucional na construção de passivas. Aliás, na escrita, há maior rigor na aplicação das regras sintáticas do que na oralidade. Assim, é possível (com base em estruturas escritas) observar os aspectos sintáticos do português que escapam da monitorização dos alunos, em um contexto em que:

o processo de ensino de português passou a contar com professores que não eram falantes nativos, sem o domínio da norma da variante europeia, tida como padrão no meio escolar. Por outro lado, com a expansão do ensino, passa a haver um número cada vez maior de estudantes que tinham exposição ao português apenas na sala de aula, sendo predominantemente falantes de uma língua bantu, como língua materna, que usavam correntemente no seu dia a dia (FIRMINO, 2021, p. 173).

As hipóteses que podem ser avançadas no que toca à aprendizagem e produção das estruturas passivas escritas no PM consubstanciam-se no fato de, sendo a competência em português desenvolvida graças ao processo formal de ensino (ver as hipóteses da teoria gerativista sobre a aprendizagem de uma língua não materna (WHITE, 2000; 2003)) e as passivas, representando estruturas não básicas, a ocorrência dessas estruturas no discurso escrito, bem como a sua conformidade com o PE, serão proporcionais ao avanço na escolaridade. Isto acontece, em primeiro lugar, pelo fato de, nos primeiros momentos de aprendizagem do português, os alunos recorrerem mais às estruturas das suas LMs (as línguas *bantu*, que têm estruturas passivas diferentes das do português) (ver a hipótese *Full transfer/Full access*). Em segundo lugar, com o avanço na escolarização, aumenta a quantidade do *input* linguístico de português, enquanto reduz-se a influência da LM.

Quanto aos mecanismos e estratégias de passivização, as estruturas passivas mais simples como as eventivas (ESTRELA, 2014), as curtas (DUARTE, 2013), as de verbos agentivos e monotransitivos serão de uso preferencial dos diferentes subgrupos de falantes do PM. Ademais, dado que o PM é desenvolvido num contexto de contato com as línguas *bantu*, faladas como LMs dos nossos informantes, as realizações divergentes do PM observar-se-ão em passivas não básicas (KEENAN; DRYER, 2006) e revelar-se-ão como resultado de fenômeno de influência translinguística (GASS, 1979), uma vez que as LMs dos falantes admitem construções de duplo objeto (GONÇALVES, 1990) e o objeto com traços [+ Humano] e/ou [+ Animado] ser amiúde usado como sujeito da passiva – usos não previstos no português.

A amostra é constituída por 233 orações passivas produzidas por falante do PM com níveis de escolaridade diferentes. A opção de estudar produções escritas desses subgrupos de falantes justifica-se pelo fato de, em conformidade com Nhatuve (2017), permitir-nos a identificação de comportamentos comuns de diferentes camadas de falantes do PM, o que é visto como uma estratégia de identificar aspectos que podem ser considerados para formar um possível instrumento normativo dessa variedade.

Recorremos a duas estratégias de recolha de dados. A primeira consistiu em um exercício de redação sobre o tópico *amor da mãe*, tendo participado do exercício cerca de 212 alunos do ensino secundário (escolaridade média) e 280 estudantes universitários. A segunda estratégia, por sua vez, consistiu na recolha de estruturas passivas em textos de temática variada escritos por 233 alunos do 7.º ano de escolaridade. Uma parte desses textos foi recolhida por investigadores filiados à Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira da Universidade Eduardo Mondlane e disponibilizada *online* na respectiva plataforma. A outra parte dos dados de informantes de escolaridade primária (baixa) foi recolhida no âmbito das nossas atividades de docência no ano de 2014, através de um exercício em que o aluno era igualmente solicitado a escrever uma redação sobre o tema *amor da mãe* (ver Quadro 1).

O recurso a textos de temática variada de estudantes de diferentes níveis de escolaridade fundamenta-se, numa primeira fase, pela necessidade de fazer um estudo comparativo da aprendizagem e produção de orações passivas escritas por diferentes camadas de falantes do PM e, em segundo plano, pela necessidade de observar o

comportamento de falantes de PM relativo ao uso de estruturas passivas em diferentes textos.

Entretanto, devido à semelhança das estruturas passivas em diferentes textos, os dados do mesmo subgrupo de informantes (subgrupo de alunos primários, de alunos secundários, e de estudantes universitários) são apresentados e analisados, sem considerar as diferentes temáticas. Tratando-se de um estudo que adota uma abordagem mista, recorremos a tabelas com dados estatísticos sobre as construções passivas e a exemplos para a análise e discussão de dados. Embora as realizações linguísticas particulares do PM (incluindo exemplos retirados de outros trabalhos) sejam divergentes do PE (variedade considerada como referência), consideramo-las realizações interlinguísticas (na maioria dos casos fossilizadas).

Em Gonçalves (2010b), consideram-se as realizações do PM como erros. No entanto, esta autora é cautelosa ao observar que nessa variedade africana do português, coexistem “estruturas desviantes [difundidas] na comunidade de falantes instruídos” (GONÇALVES, 2010b, p. 23), podendo vir a ser normatizadas, e outras produções desviantes menos estáveis que poderão desaparecer com a instrução. Neste contexto, as realizações de passivas no PM revelam-se mais difundidas e estáveis, podendo ser observadas em diferentes camadas de falante (mais instruídas e menos instruídas).

Portanto, as passivas do PM podem ser consideradas estruturas fossilizadas, na medida em que se revelam como resultado de aplicação de regras e combinações sintáticas (buscadas das suas LMs) que os falantes de línguas bantu moçambicanas tendem a conservar (GONÇALVES, 2015; FIRMINO, 2021), “no matter what the age of the learner or the amount of explanation and instruction [learners] receives in the [in the target language]” (SELINKER, 1972, p. 215).

Em termos de estrutura, na segunda parte deste estudo (ponto 2.), faz-se uma breve descrição dos princípios teóricos relevantes. Trata-se de aspectos inerentes ao processo de aprendizagem das línguas não maternas (LNM) e do papel da gramática universal (GU). Na terceira parte (ponto 3), são apresentados os principais conceitos relacionados com as orações passivas, enquanto na quarta seção (ponto 4.) apresentam-se os resultados de alguns estudos sobre as passivas em português como LNM. Na seção

5, por sua vez, faz-se o estudo dos dados empíricos, seguido de considerações finais no ponto 6.

2 Enquadramento teórico

O estudo do PM e da produção de passivas por falantes dessa variedade, cujo desenvolvimento ocorre em contexto de contato linguístico entre o português e as línguas *bantu*, beneficia-se sobremaneira de aportes teóricos referentes à aprendizagem das LNM. Os princípios teóricos nessa área permitem-nos a análise de dados sobre a construção de estruturas passivas em consideração dos aspectos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem (processo formal, gradual e com diferentes fases interlinguísticas) (GASS; SELINKER, 2008; SELINKER, 1972), e inerentes ao contato linguístico (*cross-linguistic influence*) (GASS, 1979; ALMEIDA; FLORES, 2017; MADEIRA, 2017).

Para além de aspectos inerentes à aprendizagem das LNM, o estudo de estruturas passivas do PM ancora-se na teoria gerativa chomskiana que oferece subsídios sobre o contributo da GU na aprendizagem das LNM. Aliás, os princípios da gramática gerativo-transformacional oferecem fundamentos sobre a natureza das estruturas passivas e sobre os processos transformacionais dos constituintes (cf. CHOMSKY, 2014; 1965; KEENAN; DRYER, 2006; PERES MÓIA, 1995; DUARTE, 2003).

Entretanto, os gerativistas consideram que “os falantes de uma língua possuem uma gramática interna que gera, de forma produtiva, as sentenças dessa língua” (XAVIER, 2007, p. 9). No entanto, esses defensores da natureza inata da faculdade da linguagem (com a ação do dispositivo inato da aquisição da linguagem) (CHOMSKY, 1957; WHITE, 2000, 2003), apresentam perspectivas diferentes sobre o acesso à GU por aprendizes de LNM.

Autores como Epstein, Flynn e Martohardjono (1996) e Bley-Vroman (1990) defendem que o aprendiz de uma LNM não tem acesso à GU, senão por via da gramática

da LM (WHITE, 2003, p. 16). O fato de esses autores considerarem a possibilidade de acesso à GU, embora via gramática da LM, dá lugar à hipótese de acesso parcial dos aprendizes de LNM à GU.

Em oposição a essas duas perspectivas, encontramos autores como White (1985, 1989), Cook e Newson (1996), Thomas (1991) e Schwartz e Sprouse (1996) que defendem o acesso total à GU por aprendizes de LNM. Nesse contexto, a possibilidade de os aprendizes de LNM, com o avanço na aprendizagem, produzirem estruturas linguísticas que não tenham nunca ouvido ou aprendido na língua alvo e, ao mesmo tempo, não relacionadas com a LM (ou seja, independentes da influência da LM), é o principal argumento a favor da hipótese de acesso total à GU apresentada por esses autores.

Concordamos, para efeitos deste trabalho, com a perspectiva de acesso total à GU. Sendo o estágio inicial do aprendiz de uma LNM a gramática da LM (WHITE, 2000, 136), subscrevemos, igualmente, a ideia de que, na aprendizagem de uma segunda língua, quando o recurso às LMs dos aprendizes falha, estes recorrem imediatamente às opções disponibilizadas pela GU (*Full Transfer/Full Access*) (WHITE 2000, p. 138; 2003, p. 61).

Assumindo a hipótese de acesso total, acreditamos que a “interlanguage grammars show evidence of being constrained by UG principles; at the same time, interlanguage grammars show evidence of parameter settings other than those of the L1” (WHITE, 2003, p. 16). No caso das realizações interlinguísticas envolvidas neste estudo (passivas particulares do PM), trata-se de uma interlíngua, até certo ponto, fossilizada, com poucas ou nulas hipóteses de correção (BROWN, 2007, p. 238).

3 Construção de orações passivas

As estruturas passivas analíticas caracterizam-se, em primeiro plano, pela transformação do verbo da respectiva oração ativa num complexo verbal composto por um auxiliar (ser, estar, ficar) e uma forma participial do verbo da ativa (cf. KEENAN;

DRYER, 2006) (excetua-se as passivas de ‘se’ e as infinitivas, no caso do português). Em segundo, pelas transformações e movimentos a que se sujeitam os argumentos externo (sujeito) e interno (objeto direto (OD)) da ativa. O sujeito da frase ativa é transformado num sintagma preposicional que desempenha a função sintática de complemento agente da passiva, de expressão sintática opcional. Já o argumento interno direto do verbo da ativa é promovido para a posição de sujeito da oração passiva (DUARTE, 2003, p. 521-535). A presença ou não do sintagma ‘*por*’ na estrutura passiva determina a sua classificação como longa ou curta, respectivamente (BAKER; JOHNSON; ROBERTS, 1989; DUARTE, 2013; ESTRELA, 2012; JÚNIOR; AUGUSTO, 2017).

Em termos de tipologia de passivas, tal como nos referimos em parágrafos anteriores, distinguem-se, na língua portuguesa, três tipos, nomeadamente, passivas eventivas, estativas e resultativas (cf. ESTRELA, 2014; JÚNIOR; AUGUSTO, 2017; ABRAHAM, 2006). Debruçar-nos-emos sobre as características de cada uma dessas tipologias nos subtópicos a seguir.

3.1 Passivas eventivas

As passivas eventivas, também denominadas passivas verbais, respeitam rigorosamente o que foi descrito no subtópico anterior, no que diz respeito a operações transformacionais e de movimento de constituintes das ativas correspondentes. Essas orações – que, em português, ocorrem geralmente com o auxiliar *ser* e formas participiais verbais – descrevem, em termos semânticos, situações dinâmicas (cf. DUARTE, 2013; EMBICK, 2004). Ademais, Estrela (2014, p. 238) verifica que, nas passivas eventivas – em que ocorrem participios eventivos –, a “natureza aspectual do participio é irrelevante”, ou seja, diferentes classes aspectuais podem associar-se aos participios eventivos (este é um dos aspectos que diferenciam estas das resultativas e estativas) (ex.: (12, 13)).

Exemplos:

- (12) Um dos meus colegas foi assaltado (processo culminado).
 (13) A vida de estudantes é guiada pelas normas da instituição (processo).

As passivas eventivas admitem, opcionalmente, o sintagma *por* (ex.: (14)) em oposição às estativas (ex.: (15)) e às resultativas (ex.: 16) (cf. DUARTE, 2013; JÚNIOR; AUGUSTO, 2017; ESTRELA, 2014). Aliás, Estrela (2014) indica que:

há algumas restrições a que a passiva eventiva está sujeita, nomeadamente a nível sintático e a nível semântico. As restrições de ordem sintática ligam-se essencialmente a questões de transitividade (...), enquanto as restrições de ordem semântica se baseiam na estrutura temática dos verbos (ESTRELA, 2014, p. 239).

Exemplos:

- (14) Uma das personagens foi presa pela polícia.
 (15) *Uma das personagens está presa pela polícia.
 (16) *Uma das personagens ficou presa pela polícia.

3.2 Passivas resultativas

Na língua portuguesa, essas passivas, diferentemente das eventivas, são amiúde introduzidas pelo auxiliar *ficar* (cf. DUARTE, 2010) e “descrevem uma situação que é o resultado de uma mudança de estado, lugar ou posse” (DUARTE, 2013; ESTRELA, 2014) (ex.: (17), (18) e (19)). As resultativas, de uma forma geral, não admitem a realização do sintagma *por* agentivo (cf. ESTRELA, 2014) pelo fato de “o argumento externo [o sujeito] não estar implícito” (DUARTE, 2013, p. 441) (ex.: (20), (21) e (22)).

Exemplos:

- (17) Os filhos(as) ficam magoados.
 (18) Toda estrutura demográfica fica afectada.
 (19) Duas pessoas morreram e uma outra ficou gravemente ferida.
 (20) *Os filhos ficam magoados pelos pais.
 (21) *Toda a estrutura demográfica fica afectada pela situação.
 (22) *Duas pessoas morreram e uma outra ficou gravemente ferida pela bomba.

As estruturas passivas (17), (18) e (19) indicam estados resultativos. Nessa perspectiva, elas indicam o resultado de uma ação. Aliás, as passivas resultativas “assinalam não só o estado resultante como ainda a fronteira da passagem a esse estado, pelo que admitem a expressão *em x tempo*, que mede o tempo que o processo demora até atingir o estado resultante” (ESTRELA, 2014, p. 240). A explicação aqui dada por Estrela revela-nos que, de fato, as resultativas são decorrentes de uma ação/processo (prévio) (cf. ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2008).

As resultativas do português “não admitem advérbios que pressupõem o agente” (ex.: (23)), “não ocorrem com orações finais” (ex.: (24)) e “não admitem sintagmas preposicionados de valor instrumental” (ex.: (25)) (DUARTE, 2013, p. 441). Tal como defendem Alexiadou e Anagnostopoulou (2008, p. 35), “[resultative] introduce states that hold forever after the event that brings them about”. Essas autoras observam que um dos aspectos que distinguem as resultativas das estativas é o fato de as resultativas não ocorrerem com o advérbio *ainda* “*still*” (que introduz a ideia de progressão/continuidade) (ex.: (26)), podendo, no entanto, aceitarem advérbios que modificam o resultado (ex.: (27)). Portanto, as resultativas descrevem estados (consequentes de uma ação) permanentes (KRATZER, 2000).

Exemplos:

- (23) *os filhos ficam magoados intencionalmente.
- (24) *a colecta de amostras ficou concluída para permitir as análises.
- (25) *Duas pessoas morreram e uma outra ficou gravemente ferida com a bomba.
- (26) *A coleta de amostras ainda ficou concluída/*A coleta das amostras ficou ainda concluída.
- (27) O futuro destes dois fica totalmente desviado.

3.3 Passivas estativas

¹ As resultativas introduzem estados que perduram depois dos eventos que as originam.

À semelhança das resultativas, as estativas indicam estados, sem, no entanto, indicarem “a componente da fronteira da passagem ao estado” (ESTRELA, 2014, p. 240). As orações passivas estativas em português são introduzidas pelo auxiliar *estar* ao qual se associam “propriedades transitórias” - predicados episódicos – (ex.: (28) e (29)) (DUARTE, 2013, p. 443). Devido ao fato de as estativas não apresentarem natureza eventiva, em oposição às eventivas e às resultativas, não admitem a sua modificação com expressões temporais como *em x tempo* (p. 444) (ex.: (30), vs. (31)). Para além disso, as estativas, à semelhança das resultativas, não admitem, de forma geral, a componente agentiva - complemento agente da passiva - (ex.: (32)).

Exemplos

- (28) Tudo está destruído
- (29) Ela estava estatelada na esteira
- (30) O mundo não está parado.
- (31) *O mundo não está parado em 4 horas.
- (32) *Tudo está destruído pela chuva.

4 Dados sobre a construção de passivas analíticas por falantes de português LNM

A produção de estruturas passivas em português como segunda língua tem merecido atenção de muitos investigadores devido às particularidades que essas estruturas apresentam, ora como resultado de processos inerentes à aprendizagem das LNM, ora como consequência do contato linguístico, envolvendo o português e outras línguas africanas. Nesse âmbito, destacam-se autores como Adriano (2014), Gonçalves (2016), Gonçalves (2005; 2010a) e Nhатуve e Mavota (2021) sobre o português de Angola, São-Tomé e Moçambique.

Na variedade angolana de português, que emerge em um contexto de contato com línguas de origem *bantu*, em conformidade com Adriano (2014), registram-se passivas que não se conformam com o PE. As inconformidades relatadas por esse autor consistem na falta de concordância nominal de gênero entre a forma participial (do

complexo verbal) e o sujeito da passiva (ex.: (33)). Para além disso, o autor verifica a ocorrência de passivas cujo constituinte agentivo é encabeçado pela preposição *com* nos moldes não previstos no PE (ex.: (34)) (ADRIANO, 2014, p. 209; 350).

Exemplos:

(33) todo outro processo de formação foi *feita* no exterior do país // em França / Portugal / na China... [TPA1, Telejornal, 15. 07.2012] (ADRIANO, 2014).

(34) acaba de chegar a instante o governador da província [...] / acompanhado *com* membros do seu executivo // [TPA1, 10/12, 31.08.2012] (ADRIANO, 2014).

Por sua vez, o português de São-Tomé emerge em contato com o forro (crioulo dominante no país), língua com “construções de duplo objeto (CDO) [como] a única estratégia disponível para a expressão do argumento com o papel temático de Recipiente” (ex.: (35)) (GONÇALVES, 2016, p. 238). Como consequência do contato linguístico, nessa variedade do português, registram-se estruturas de duplo objeto (ex.: (36)). No entanto, diferentemente das tendências observadas na variedade angolana, sublinha-se o fato de, quer o forro, quer o português são-tomense “ambas [exibirem] CDOs e não [admitirem] passivas dativas (*Full Transfer*); apenas o [português de São-Tomé] exhibe CDPs (*Full Access*) (id.). Portanto, as construções passivas nessa variedade conformam-se com o PE.

Exemplos:

(35) No tega pato kikiê.
 1PL entregar patrão peixe
 ‘Nós entregámos o peixe ao patrão.’ (GONÇALVES, 2016)

(36) Entrega senhor uma cerveja.

Já no PM, diferentemente das tendências no português são-tomense, a produção de passivas por estudantes de português como língua segunda é marcada sobremaneira pela ocorrência de passivas dativas (ex.: (37) e (38)) e pela preferência por sujeitos com traços [+ Humano] e [+ Animado] (GONÇALVES, *et al*, 1997; GONÇALVES, 1990, 2005, 2002, 2010a; NHATUVE; FONSECA, 2012; NHATUVE; MAVOTA, 2021). Em parte, essas tendências são descritas como resultado da ocorrência, no PM, de construções de duplo

objeto (ex.: (39)), à semelhança do que acontece em algumas línguas *bantu*, como é o caso do *changana* e *ronga* (ex.: (40)), línguas faladas no sul de Moçambique (cf. *Full transfer/Full access*).

Exemplos:

- (37) Nós (...) somos dados amor, carinho, educação pelos nossos pais.
 (38) Cada um de nós existe porque foi dado a vida por uma mãe.
 (39) Os pais escondem os filhos a verdade. (GONÇALVES, 2010)
 (40) Paulo anyikile [_{SN Tema} buku lakusaseka] [_{SN Recipiente} Maria] (*changana*)
 Paulo deu livro bonito Maria
 ‘O Paulo deu um livro bonito à Maria’. (NHATUVE; MAVOTA, 2021)

Conforme podemos depreender, a literatura arrolada neste estudo evidencia o papel do contato linguístico e da GU na construção de passivas em português LNM. Adicionalmente, estudos das três variedades do português revelam tendências diferentes em correspondência, em parte, às características das LMs dos falantes. Dado que a competência em português é desenvolvida, na maioria dos casos, com base no processo formal de ensino, os dados envolvidos nos estudos das 3 variedades são referentes à modalidade escrita. No entanto, a maioria desses estudos (excetua-se o trabalho de Gonçalves (2016)) incide na convergência e na divergência das realizações linguísticas nas variedades emergentes em relação ao PE. Nesse contexto, a abordagem comparativa das realizações intralinguísticas (da mesma variedade) envolvendo os diferentes subgrupos de falantes, a tipologia das estruturas passivas (estativas, resultativas e eventivas), a natureza dos verbos (agentivos e não agentivos; ditransitivos e monotransitivos) constitui a mais valia deste estudo, podendo, portanto, apresentar mais tendências sobre a escrita das passivas.

5 Estudo empírico

Neste tópico, analisamos estruturas passivas escritas por falantes do PM. Consideramos 3 subgrupos, nomeadamente, o de escolaridade primária (informantes

com o sétimo ano de escolaridade), o de escolaridade secundária (com o 12º ano de escolaridade concluído) e o de estudantes universitários (estudantes de graduação). Estes alunos têm como LMs as línguas bantu, com destaque para *changana* e *ronga*. A hipótese que norteia a escolha destes subgrupos é que o nível de escolaridade é proporcional à proficiência em português. Sendo assim, a partir desses subgrupos, podemos identificar as tendências comuns fossilizadas (que independem do nível de escolaridade).

No Quadro 1, apresentamos a ocorrência de estruturas passivas em cada subgrupo. O respectivo valor quantitativo é ponderado a partir da relação entre o número de estruturas passivas e o número de textos. Por sua vez, nas Tabelas 1, 2, 3 e 4, é possível observarmos os aspectos linguísticos em análise (tipos de passivas, natureza dos verbos (monotransitivos ou ditransitivos; agentivos ou não agentivos), realizações convergentes ou divergentes em relação ao PE) e os valores percentuais calculados em função dos totais de ocorrências de orações passivas em cada subgrupo.

Em cada subtópico, apresentamos os dados relativos à produção das passivas escritas no PM e discutimos as respectivas tendências, considerando quer aspectos teóricos sobre a aprendizagem das LNM, o contato linguístico e a hipótese de *Full Transfer/Full Access*, quer os comportamentos de falantes de português descritos no tópico sobre construção de passivas analíticas por falantes de português LNM.

5.1 Ocorrência de passivas no PM

Os dados referentes à relação entre o número de passivas e de textos analisados são apresentados no quadro 1 abaixo. Nesse quadro, é possível observarmos que, no PM, desenvolvido basicamente através do processo de ensino-aprendizagem, até ao final do ensino primário, os alunos produzem/escrevem as estruturas passivas, ainda que com baixo índice de ocorrências (Quadro 1) e com elevado índice de realizações interlinguísticas (ver seção 5.4). Aliás, o Quadro 1 indica uma clara proporcionalidade direta entre os valores de ocorrências de frases passivas por texto (0,07; 0.2 e 0.6,

respetivamente nos subgrupos de escolaridade primária, secundária e universitária) e o nível de escolaridade.

Quadro 1: Ocorrência de orações passivas no PM

Grupo/informantes	Ensino primário 7 ^a classe	Ensino secundário 12 ^a classe	Ensino superior
Número de textos	223	212	280
Número de passivas	16	41	176
Passiva por texto	0.07	0.2	0.6

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados coletados.

O fato de, no subgrupo de escolaridade menos avançada (7.^o ano), verificarmos ocorrência de passivas no PM é claro indício de, até esse nível, os aprendizes moçambicanos de português começarem a aprender/produzir orações passivas. Entretanto, o reduzido número de ocorrências, associado ao elevado índice de realizações que não se conformam com o PE (ex.: (41) e (42)) legitima a dependência acentuada da produção/escrita das passivas em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Para além disso, as diferenças entre as estruturas das passivas do português e das LMs dos falantes propiciam a ocorrência das dificuldades que se observam.

Exemplos:

(41) *A água e muito utilizado.*

(42) *A escola quando esta sujo e para limpar.*

A proporcionalidade direta que se registra entre o uso de estruturas passivas e o avanço na escolaridade, para além de demonstrar a relevância do processo de ensino-aprendizagem no desenvolvimento de competências em português e de uso de passivas em particular, sublinha igualmente a relevância da qualidade e quantidade do *input* (evidências linguísticas positivas e negativas² (BRUTON, 2000)) a que os falantes do PM

² Assumimos, neste trabalho, as evidências linguísticas positivas como sendo a informação linguística (vocabulário, estruturas sintáticas, regras e estratégias) a que o aprendiz de uma determinada LNM tem acesso, em oposição às evidências negativas que consistem na reação (do professor ou de falante da língua alvo) perante as realizações linguísticas desviantes de um aprendiz de uma LNM (cf. BRUTON, 2000).

têm acesso durante o seu percurso de aprendizagem e apropriação do português (SAVILE-TROIKE, 2005; KRASHEN, 1981; 1985). Aliás, autores como Gonçalves (2010b; 2015) e Firmino (2021) revelam que as realizações do PM (que não se conformam com o PE) resultam da ineficácia do *input* a que os alunos têm acesso na escola e na comunidade. Os estudantes são expostos a estruturas linguísticas do PM fossilizadas, e os professores, na sua maioria, têm dificuldades para ensinar o PE.

Aliás, o avanço na escolaridade implica, de modo geral, o aumento da quantidade e da qualidade do *input*, na medida em que os aprendizes, gradualmente, adquirem mais vocabulário, estruturas sintáticas, regras e estratégias de uso da língua alvo. Igualmente, com a progressão na aprendizagem do português por moçambicanos, estes desenvolvem competências na gramática da língua alvo. Neste contexto, reduz-se a dependência em relação às estruturas das LMs.

A dependência do uso de passivas do nível de escolaridade leva-nos a considerar a relevância da interação (uso da língua em contextos reais de comunicação) em português que, por sua vez, nos remete ao papel do *input* e do *output* (LONG, 1981; SWAIN, 1985) no desenvolvimento de competências em português e na produção de passivas em particular. Quer em contexto de interação, quer no de ensino-aprendizagem, a falta de um *input* robusto desempenha um papel preponderante na ocorrência de passivas divergentes do PE (GONÇALVES, 2015).

Portanto, enquanto o processo de aquisição de estruturas passivas em falantes nativos do português (cf. ESTRELA, 2013; GABRIEL, 2001) ocorre tardiamente em correspondência à maturação de habilidades linguísticas dos indivíduos (hipótese maturacionista) na perspectiva de Borer e Wexler (1987), nos falantes do PM, a produção de orações passivas é dependente da escolaridade, da qualidade (robustez) do *input* e da interação.

5.2 Passivas, tipologia e ocorrência no PM

De acordo com Embick (2004), Duarte (2013) e Estrela (2014), as passivas podem ser eventivas, resultativas ou estativas. Nesse âmbito, a Tabela 1 abaixo indica dados numéricos de ocorrência, no PM, dos diferentes tipos de passivas, nas suas versões curta e longa. Em primeiro lugar, na Tabela 1, é possível observarmos que, na variedade moçambicana de português, em todos os subgrupos considerados neste estudo e em todas as tipologias de passivas, ocorre maior número de passivas curtas em relação às passivas longas. Em segundo lugar, as passivas eventivas (que descrevem situações dinâmicas, eventos) apresentam elevados índices de ocorrências se comparadas com as passivas de estados resultativo e estativo:

Tabela 1: Tipo de passivas por grupo de informantes

Tipo de passivas/Informantes	Ensino Primário 7ª Classe (16)		Ensino Secundário 12ª Classe (41)		Ensino Superior (176)	
	Longas	Curtas	Longas	Curtas	Longas	Curtas
Passivas Estativas	0 (0%)	4 (25%)	0 (0%)	2 (5%)	0 (0%)	71 (40%)
Passivas Resultativas	0 (0%)	3 (19%)	0 (0%)	3 (7%)	0 (0%)	17 (10%)
Passivas Eventivas	0 (0%)	9 (56%)	7 (17%)	29 (71%)	14 (8%)	74 (42%)

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados coletados.

A Tabela 1 revela que, no PM, ocorrem com frequência as passivas eventivas e curtas com 56%, 71% e 74% nos ensinos primário, secundário e universitário, respetivamente. Destaque-se, entretanto, o fato de não se registrarem passivas estativas e resultativas longas em todos os subgrupos. Este comportamento está em conformidade com os preceitos da gramática do PE no que tange à estrutura dessas passivas (DUARTE, 2013; ESTRELA, 2014).

A ocorrência de maior índice de passivas curtas (básicas) e eventivas permite-nos considerar que essa tendência não está necessariamente relacionada com a progressão no nível de escolaridade, uma vez que se observa em todos os subgrupos. Embora se observe um aumento das longas com o avanço na escolaridade, essas nunca superam as curtas. Nesse caso, parece que mais do que por fatores exógenos da língua (como a escolaridade), o uso preferencial das passivas curtas encontra explicação em fatores endógenos da língua (são estruturas possíveis e funcionais). Esse comportamento, portanto, vai ao encontro da tendência transversal no uso de passivas curtas/básicas

(DUARTE, 2003, 2013) pela maioria dos falantes na maioria das línguas (cf. KEENAN; DRYER, 2006).

As passivas são estruturas marcadas, resultado de processos transformacionais e de movimentos de elementos (cf. DUARTE, 2003; PERES; MÓIA, 1995). Nesse contexto, parece haver uma tendência generalizada de abdicar da transformação e movimento de elementos que, na estrutura passiva, são dispensáveis (acessórios) (CHOMSKY, 1965; KEENAN; DRYER, 2006). De fato, o agente da passiva que determina a classificação da passiva como longa desempenha um papel secundário no funcionamento das estruturas passivas (ex.: (28), (29) e (30)).

Por seu turno, a ocorrência de elevado índice de passivas eventivas, para além de corresponder ao comportamento transversal de predomínio das passivas de verbos agentivos, como se pode ver na Tabela 2 abaixo, revela, para o caso do português, a produtividade do auxiliar *ser* na construção de passivas. Ademais, o fato de, nas eventivas, “diferentes classes aspectuais [poderem ser associadas] aos participípios eventivos” (ex.: (12) e (13)) (ESTRELA, 2014, p. 238) parece favorecer a ocorrência de elevado número dessas passivas.

Tabela 2: Passivas de verbos agentivos e passivas de verbos não agentivos

Tipo de verbos/Informantes	Ensino Primário 7ª Classe (16)	Ensino Secundário 12ª Classe (41)	Ensino Superior (176)
Verbos agentivos	9 (56%)	28 (68%)	126 (72%)
Verbos não agentivos	7 (44%)	13 (32%)	50 (28%)

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados coletados.

Quer o predomínio das curtas (em relação às longas) quer das eventivas (em relação às resultativas e estativas) representam comportamentos que não foram explicitamente tratados nos trabalhos sobre as passivas em português LNM arrolados nesse estudo. Entretanto, considerando a questão de contato linguístico, sublinhamos o fato de a aprendizagem das estruturas passivas por moçambicanos ter como estado inicial a gramática das línguas *bantu*. Sabemos que, nessas línguas, a formação das passivas ocorre através de extensão verbal. De acordo com Ngunga e Simbine (2012, p.

145; 152; 153), a extensão verbal (sufixos) *-iw-* (ex.: 43) é que é usada como partícula passivizante.

Exemplo:

(43) Akhomiwile tolo hi maphoyisa (*changana*)
foi apanhado ontem por polícias
'foi apanhado pela polícia' (NGUNGA; SIMBINE, 2012)

Efetivamente, os mecanismos de formação de sentenças passivas nas línguas *bantu* são muito diferentes dos do português. Aliás, no que diz respeito estritamente à tipologia das passivas, os exemplos como (41) *a água e muito utilizado*, (42) *a escola quando esta sujo e para limpar*, (44) *amor que nos é dado como se fosse obrigação* e (45) *amor é semente que vive em nós, que nos é dado, proporcionado por outrem*, escritos pelos nossos informantes revelam ausência de transferência de aspectos das LMs para o português. Desta feita, a aprendizagem e a produção das passivas eventivas, estativas e resultativas parecem revelar o acesso à GU (*Full Transfer*) pelos alunos, dado que os mecanismos de passivização das suas LMs não são transferíveis para o português.

Neste contexto, pode-se afirmar que os aspectos de interlíngua característicos do grupo alvo não se observam na tipologia das passivas, ou seja, dado que este aspecto (tipologia) é menos influenciado pelas LMs, e é desenvolvido com recurso à GU, há poucas realizações interlinguísticas. As realizações divergentes do PE, como em (41) e (42), em que sobressai a ausência da concordância em gênero, e casos de passivas dativas (ver 5.3.), revelam-se como resultado da influência das LMs, na medida em que, nestas línguas, não há mecanismos de marcação e concordância de gênero masculino e feminino, e ocorrem passivas dativas.

5.3 Passivas e transitividade dos verbos

A transitividade dos verbos é relevante no âmbito da construção de passivas em português na medida em que, de uma forma geral, o processo transformacional que dá origem a estruturas passivas envolve pelo menos um constituinte interno direto da ativa que é promovido para a posição de sujeito. Nesse âmbito, a observação da Tabela 3

abaixo indica a ocorrência de passivas de verbos monotransitivos e de verbos ditransitivos. No entanto, os dados referentes às passivas de verbos monotransitivos revelam que, em todos os subgrupos, essas passivas ocorrem com maior frequência se comparadas com as passivas de verbos ditransitivos. Saliente-se, entretanto, a realização dessas passivas no subgrupo de escolaridade média em que todas as estruturas envolvendo verbos ditransitivos correspondem a passivas longas, com 3 casos iguais a 7% (tabela 3).

Tabela 3: Passivas vs. estrutura argumental do verbo

Tipo de verbos/Informantes	Ensino Primário 7ª Classe (16)		Ensino Secundário 12ª Classe (41)		Ensino Superior (176)	
	Longas	Curtas	Longas	Curtas	Longas	Curtas
Verbos monotransitivos	0 (0%)	16 (100%)	4 (10%)	34 (83%)	14 (8%)	161 (91%)
Verbos ditransitivos	0 (0%)	0 (0%)	3 (7%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1%)

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados coletados.

O predomínio de passivas de verbos monotransitivos é congruente com o das passivas básicas, descrito como um comportamento transversal na secção 5.1. Já no que se refere às passivas de verbos ditransitivos, classificadas como não básicas (cf. KEENAN; DRYER, 2006), ainda que os dados (das passivas desse tipo de verbos) sejam menos representativos, observamos, na totalidade dos exemplos abaixo (44 - 47), um equilíbrio entre as realizações convergentes ((44) e (45)) e divergentes ((46) e (47)) em relação ao PE.

Exemplos:

- (44) Amor que nos é dado como se fosse obrigação (Ensino superior).
- (45) Amor é semente que vive em nós, que nos é dado, proporcionado por outrem (Ensino secundário).
- (46) Cada um de nós existe porque foi dado a vida por uma mãe (Ensino secundário).
- (47) Nós (...) somos dados amor, carinho, educação pelos nossos pais (Ensino secundário).

A observação dos exemplos (46 e 47) revela-nos dois aspectos que sobressaem nas passivas do PM envolvendo verbos ditransitivos. O primeiro aspecto tem que ver com a ocorrência de passivas dativas (GONÇALVES, 1990, 2002, 2005; 2010a). Essa tendência, tal como nos referimos na seção 4, é resultado da mudança da estrutura argumental dos ditransitivos que, selecionando um OD e um objeto indireto no PE, no PM, como resultados do processo da apropriação/nativização do português pelos moçambicanos (FIRMINO, 2008), passam a poder selecionar dois objetos diretos, dando lugar a construções de duplo objeto.

Para além disso, as passivas dativas no PM resultam, em parte, da tendência de usar preferencialmente sujeitos com traços [+ Humanos] (ex.: (46) e (47)), à semelhança do que acontece nas línguas *bantu* (NHATUVE; MAVOTA, 2021). O segundo aspecto tem que ver com a omissão do constituinte dativo com o papel temático de recipiente (ex.: 46), em que não há nenhum vestígio do objeto indireto selecionado por verbos como *dar*.

Enquanto na transformação da forma verbal ativa para a passiva observámos que não havia influência/transferência dos mecanismos gramaticais das LMs dos nossos informantes, na transformação e movimento dos argumentos interno (OD) e externo (sujeito) da ativa para construir sentença passiva, o recurso (através de processos de transferência) à gramática da LM é visível, legitimando a hipótese de *Full Transfer*. Aliás, a construção das passivas dativas e a preferência pelos constituintes com traços [+ Humano] como sujeito das passivas são estratégias características das línguas *bantu* do nosso grupo alvo (ex.:40).

As hipóteses de *input* e de interação linguísticos (cf. KRASHEN, 1985; DEMUTH, 1989; LONG, 1981) também concorrem para a explicação da ocorrência de passivas dativas. Aliás, fatores intralinguísticos ligados à mudança na estrutura argumental dos verbos como resultado de contato linguístico entre o português e as línguas *bantu* propiciam as tendências observadas.

5.4 Passivas convergentes e divergentes em relação ao PE

Consideramos, neste subtópico, realizações convergentes e divergentes em relação ao PE. De uma forma geral, a Tabela 4 indica que, embora ocorram realizações divergentes em relação ao PE envolvendo os três tipos de passivas, em todos os subgrupos, essas realizações são menos expressivas se comparadas com as convergentes. Ademais, em correspondência à ocorrência de elevado índice de passivas eventivas (Tabela 1), é nessa tipologia que se registra o maior número de realizações que não se conformam com o PE. Finalmente, observamos, na Tabela 4, uma proporcionalidade inversa entre o nível de escolaridade e os índices de realizações divergentes do PE, isto é, registram-se índices expressivos no subgrupo de escolaridade menos avançada (6%, 6% e 19%, respetivamente, em estativas, resultativas e eventivas), no entanto, tal expressividade reduz-se com o avanço na escolaridade, de tal forma que, no subgrupo de estudantes universitários, se registram apenas 0.4%, 0% e 2%, respetivamente.

Tabela 4: Passivas convergentes e divergentes (em relação ao PE)

Tipo de passivas/Informantes	Ensino Primário 7ª Classe (16)		Ensino Secundário 12ª Classe (41)		Ensino Superior (176)	
	Convergentes	Divergentes	Convergentes	Divergentes	Convergentes	Divergentes
Passivas Estativas	3 (19%)	1 (6%)	2 (5%)	0 (0%)	73 (41%)	1 (0.5%)
Passivas Resultativas	2 (12%)	1 (6%)	3 (7%)	0 (0%)	16 (9%)	1 (0.5%)
Passivas Eventivas	6 (38%)	3 (19%)	31 (76%)	5 (12%)	81 (46%)	4 (2%)

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados coletados.

As realizações convergentes com o PE são superiores às divergentes. Isto revela, por um lado, a necessidade de não generalizarmos as dificuldades de construção de passivas por falantes do PM – na medida em que não é em todos os casos de construções passivas que emergem aspectos particulares do PM – por outro, a tendência despoleta a necessidade de estudos sistemáticos que permitam, em primeiro lugar, a identificação dos contextos em que as realizações do PM sobressaem, em segundo, a sua descrição com vista a ponderarmos as estratégias a que recorrem os falantes do PM no processo de passivização e, em terceiro, observarmos a frequência da sua ocorrência em diferentes subgrupos para determinarmos até que ponto tais realizações emergentes no PM podem ser consideradas características de todas as camadas de falantes e, portanto, elegíveis para enformar um possível instrumento normativo dessa variedade emergente (cf. GONÇALVES, 1996, 2005; NHATUVE, 2017, sobre a padronização do PM).

Os casos de estruturas passivas do PM (à margem do PE) mais frequentes são como os que apresentamos a seguir:

Exemplos:

- (48) A prioridade para os casos suspeitos foi dada *nas* questões de biossegurança e isolamento. (A prioridade para os casos suspeitos foi dada *às* questões de biossegurança e isolamento - PE)
- (49) *A Central de chamadas está localizado* no recinto do Hospital Geral (Imprensa). (*A Central de chamadas está localizada* no recinto do Hospital Geral - PE)
- (50) *A minha filha foi roubado celular* na baixa (superior). (*O celular da minha filha foi roubado na baixa* - PE)
- (51) *O jovem é exigido a uma experiencia de serviço de 5 anos* (superior). (*Uma experiência de serviço de 5 anos é exigida aos jovens* - PE)
- (52) *As condições de vida estão relacionados* ao estágio de desenvolvimento (superior). (*As condições de vida estão relacionadas* ao estágio de desenvolvimento - PE)
- (53) *Cada um de nós existe porque foi dado a vida* por uma mãe (secundário). (*Cada um de nós existe porque a vida lhe foi dada* por uma mãe - PE)
- (54) Uma mãe chega a ser *considerado* uma dádiva (secundário). (Uma mãe chega a ser *considerada* uma dádiva - PE)
- (55) A escola quando esta *sujo* e para limpar (primário). (A escola quando está *suja* é deve ser limpa - PE)

As estruturas (49), (52), (54) e (55) revelam a dificuldade de estabelecer a concordância nominal entre a forma participial, parte do complexo verbal, e o respetivo sujeito da passiva (cf. DUARTE, 2013). Essa dificuldade está relacionada com a tendência generalizada do uso desviante do masculino que consiste no uso de participípios com traços [+ Masculino] com sujeitos de passivas com traços [- Masculino] (GONÇALVES *et al*, 1997; GONÇALVES, 2010a). Esse comportamento tem a ver, por um lado, com a questão da *cross-linguistic influence* (*Full Transfer*), considerando que, nas línguas

bantu, línguas maternas dos nossos informantes, não há mecanismos gramaticais de distinção dos gêneros masculino e feminino. Por outro, essa dificuldade pode ser explicada com base em fatores endógenos da língua, na medida em que o gênero gramatical em português, não tem mecanismos regulares e sistemáticos de representação (MARTINS, 2015), já que é inerente às expressões nominais, isto é, é invariável (MOTA, 2016).

Por seu turno, os exemplos (48) e (53) ilustram a ocorrência no PM de passivas de verbos de natureza de *dar* sem o argumento interno indireto selecionado pelo verbo³. Ademais, o exemplo (53), em particular, realça a ocorrência, na nova variedade do português, das chamadas passivas dativas, enquanto as estruturas (50) e (51) correspondem à tendência de preferência por sujeitos de passivas com traços [+Humanos], tal como discutimos na secção 5.3 acima.

O índice elevado de realizações não convergentes com o PE envolvendo as passivas eventivas está relacionado, tal como nos referimos, com o fato de se tratar da tipologia frequentemente produzida. Entretanto, a redução dos valores percentuais das passivas divergentes do PE à medida que se avança na escolaridade e se intensifica o uso do português sugere que a maioria dos aspectos à margem do PE (sobretudo os de concordância nominal que caracterizam a totalidade dos casos desviantes no subgrupo de escolaridade primária) se resolve com a escolaridade.

As manifestações interlinguísticas no estabelecimento da concordância entre a forma participial e o sujeito representam aspectos das LMs que se resolvem com a escolaridade. Contudo, a questão das passivas dativas e da preferência por elementos com traços [+ Humanos] como resultado da influência da gramática da LM (*Full Transfer*) na produção de passivas prevalecem em todos os subgrupos, ou seja, independem do nível de escolaridade. Efetivamente, essas tendências representam uma interlíngua fossilizada.

³ No PE não está prevista nenhuma transformação do objeto indireto no âmbito da formação da passiva (cf. Duarte, 2013 e 2003 sobre as orações passivas).

6 Considerações finais

Neste trabalho, propusemo-nos a descrever o processo de aprendizagem e produção/escrita de estruturas passivas por diferentes subgrupos de falantes de português de Moçambique. Baseado numa abordagem mista, o nosso estudo permite-nos observar que:

1. Sendo o português desenvolvido com base no ensino-aprendizagem, é possível observar estruturas passivas no discurso escrito dos falantes do PM, de todos os níveis de escolaridade (primário, secundário, superior). Entretanto, o estudo revela que o índice de ocorrência de passivas é proporcional ao nível de escolaridade;
2. As passivas curtas (relativamente mais simples e sem o sintagma *por*) e as eventivas (às quais se podem associar diferentes classes aspectuais) são predominantes em relação às longas (com o sintagma *por*) e às resultativas e estativas;
3. Há predomínio de passivas de verbos agentivos e monotransitivos em relação aos dos verbos não agentivos e dos ditransitivos;
4. As realizações divergentes em relação ao PE (observáveis nos os três tipos de passivas: eventivas, resultativas e estativas), em todos os subgrupos, são menos expressivas se comparadas com as passivas convergentes. Ademais, em correspondência à ocorrência de elevado índice de passivas eventivas, é nessa tipologia que registamos o maior número de realizações que não se conformam com o PE:
 - a. Há uma proporcionalidade inversa entre o nível de escolaridade/ e os índices de realizações divergentes do PE;
 - b. As realizações interlinguísticas envolvendo verbos ditransitivos indicam tendências para (1) a construção de passivas dativas, (2) o cancelamento do constituinte interno indireto do verbo e (3) o uso preferencial de elementos com traços [+ Humanos] como sujeitos de passivas;

- c. Há ocorrência de passivas cuja forma participial não concorda em gênero com o respectivo sujeito da passiva (problemas de concordância nominal).

Com esses resultados, confirmam-se as hipóteses sobre a dependência da competência de produção/escrita das passivas bem como da sua conformidade com o PE em relação ao avanço na escolaridade. Quanto aos mecanismos e estratégias de passivização, o estudo empírico demonstra que, de fato, as estruturas passivas mais simples como as eventivas (ESTRELA, 2014), as curtas (DUARTE, 2013), as de verbos agentivos e monotransitivos são de uso preferencial dos diferentes subgrupos de falantes do PM. Finalmente, os dados referentes às realizações divergentes do PE sustentam a hipótese de que, devido ao fato de o PM ser desenvolvido num contexto de contato com as línguas *bantu* (em que ocorrem passivas dativas e com mecanismos de concordância nominal diferentes dos do português), as realizações divergentes observar-se-ão em passivas não básicas (KEENAN; DRYER, 2006) e revelar-se-ão como resultado de fenômeno de influência translinguística.

Outrossim, a ocorrência de passivas dativas e a preferência por sujeitos de passivas com traços [+ Humanos], à semelhança das estruturas passivas das línguas *bantu*, permitem-nos relacionar o comportamento dos diferentes subgrupos de falantes do PM com o fenômeno de contato linguísticos e evidenciam o recurso aos mecanismos transformacionais próprios da LM (*Full Transfer*) na aprendizagem e na produção/escrita das passivas. Aliás, a mudança na estrutura argumental dos verbos ditransitivos, passando, no PM, a ocorrerem construções de duplo objeto (GONÇALVES, 1990, 2002, 2005; 2010), está fortemente relacionada com as tendências observadas.

A passivização nas LMs dos nossos informantes é feita através da extensão verbal *-iw-*. No entanto, na transformação do verbo da ativa num complexo verbal da oração passiva do português não se atesta a influência desse aspecto transformacional das LMs. Portanto, podemos afirmar que, na aprendizagem do processo de formação do complexo verbal da passiva, a GU desempenha um papel preponderante (*Full Access*).

Quanto a aspectos de concordância entre a forma participial da estrutura passiva e o respectivo sujeito, além do fenômeno de influência translinguística, aspectos endógenos da língua portuguesa parecem desempenhar um papel determinante. Trata-

se da assistemática e irregularidade que caracterizam o processo de identificação e marcação do gênero em português (MARTINS, 2015); aliás, nas palavras de Mota (2016), o gênero das expressões nominais é “inerente”, não dependendo, portanto, de processos flexionais para a sua marcação.

A ocorrência, de um modo geral, de realizações em conformidade com o PE e a existência de alguns aspectos que, embora divergentes desta variedade, são comuns a diferentes camadas de falantes do PM, representando, portanto, uma interlíngua fossilizada, parecem indicar que, no caso de um instrumento normativo desta última variedade emergente, tal instrumento deve ser incorporativo, isto é, para além dos aspectos do PE predominantes no PM, legitimarem-se, igualmente, aqueles aspectos do PM, como a construção de passivas dativas, que se revelarem sistemáticos e que caracterizam todas as camadas de falantes. Naturalmente, ao legitimar realizações tipicamente do PM, tal instrumento normativo representaria uma “dissociação e independência” do PM em relação ao PE. Relativamente à variedade ou aspectos do PM a normatizar, parece-nos adequado considerar realizações do PM prevaletentes em todas as camadas de falantes, como é o caso do uso das passivas dativas.

Referências

ABRAHAM, W. Introduction: passivization and typology. Form vs. function – a confined survey into the research status quo. In ABRAHAM, W; LEISIÖ, L. (Eds.). **Passivization and typology: form and function**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 1-29.

ABRAHAM, W; LEISS, E. The impersonal passive: Voice suspended under aspectual conditions. In ABRAHAM, W; LEISIÖ, L. (Eds.). **Passivization and typology: form and function**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 501 – 517.

ADRIANO, P. S. **Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em angola**. 2014. 594f. Tese (Doutoramento em linguística) – Faculdade de Ciências Sociais, Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2014.

ALEXIADOU, A; ANAGNOSTOPOULOU, E. Structuring participles. In CHARLES B. C; HANNAH, J (Eds.). **Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2008, p. 33 – 41.

ALMEIDA, L.; FLORES, C. Bilinguismo. In FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Eds.). **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português** (Textbooks in Language Sciences 3). Berlin: Language Science Press, 2017, p. 275 – 305.

ATANÁSIO, N. **Ausência do artigo no Português de Moçambique**: análise de um corpus constituído por textos de alunos do ensino básico em Nampula. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) – Universidade do Porto e Universidade Pedagógica, Nampula, 2002.

BAKER, M; JOHNSON, ROBERTS, I. Passive Arguments Raised. **Linguistic Inquiry**, Vol. 20, No. 2, p. 219-251. The MIT Press, 1989.

BLEY-VROMAN, R. The logical problem of foreign language learning. **Linguistic Analysis**, v. 20, 1990, 3 – 49.

BORER, H.; WEXLER, K. The maturation of syntax. In ROEPER, T; WILLIAMS, E. (Eds.). **Parameter Setting**. Massachusetts: Reidel, 1987, p. 123 – 172.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. San Francisco State University: Pearson Longman, 2007.

BRUTON, A. What exactly are positive and negative evidence in SLA? **RECL Journal**, v. 31, no 2, 2000, p. 120 -133.

CÁTEDRA de Português Língua Segunda e Estrangeira. Disponível em: <https://catedraportugues.uem.mz/>. Acesso: 15 abril. 2022.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Paris: Mouton- the Hague, 1957.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 2014.

COOK, V.; NEWSON, M. **Chomsky's Universal Grammar**: an introduction. Oxford: Blackwell, 1996.

DEMUTH, K. Maturation and the acquisition of the Sesotho passive. **Language**, v. 65, n. 1, 1989, p. 56 - 80.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, M. H. M. *et al.* (org.). **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, p. 507 - 548.

DUARTE, I. Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In: RAPOSO, E. B. *et al.* (org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Caminho, 2013, p. 430 – 460.

- DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. Participios resultativos. **Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, APL, 2010, p. 397-408.
- EMBICK, D. On the structure of resultative participles in English. **Linguistic Inquiry**, v. 35, n. 3, 2004, p. 355-392.
- EMBICK, D. **Roots, states, and stative passives**. *Roots workshop*, University of Stuttgart, 2009. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~embick/stut.pdf>. Acesso: 02. set.2020.
- EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. **Brain and Behavioral Sciences**, v. 19, 1996, p. 677-758.
- ESTRELA, P. A passiva em português europeu: questões de aquisição. In: PEREIRA, M. I; FERREIRA-GONÇALVES, G. (orgs.). **Verba Volant**, v. 3, n. 2, 2012, p. 1-21.
- ESTRELA, P. A. **A Aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu**. 2013. 305f. Tese (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.
- ESTRELA, P. A aquisição de passivas eventivas, resultativas e estativas em português europeu: um estudo experimental. **Textos seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, APL, 2014, p. 237-248.
- FIRMINO, G. Aspectos da nacionalização do português de Moçambique. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto Alegre, v. 9, p. 115-135, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/34455>>. Acesso: 29 out. 2016.
- FIRMINO, G. Ascensão de uma norma endógena do português em Moçambique: desafios e perspectivas. **Gragoatá**, Niterói, v.26, n.54, p. 163-192, 2021. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i54.46324>. Acesso: 15 abril. 2022.
- GABRIEL, R. **A Aquisição das construções passivas em português e inglês: um estudo translinguístico**. 2001. 238f. Tese (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.
- GASS, S. M. Language transfer and universal grammatical relations. **Language Learning** v. 29, n. 2, 1979, p. 327-344.
- GASS, S. M.; SELINKER, L. **Second language acquisition: an introductory cours**. New York and London: Routledge, 2008.
- GONÇALVES, R. M. G. **Construções ditransitivas no Português de São-Tomé**. 2016. 278f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

- GONÇALVES, P. *et al.* **Panorama do português oral de Maputo** – Volume I: Objetivos e Métodos. Maputo: INDE, 1997.
- GONÇALVES, P. *et al.* Estruturas gramaticais do português: problemas e exercícios. *In*: GONÇALVES, P.; STROUD, C. (org.) **Panorama do português oral de Maputo** – Volume III: Estruturas gramaticais do português: problemas e exercícios. Maputo: INDE, 1998.
- GONÇALVES, P. **A construção de uma gramática do português de Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos**. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1990.
- GONÇALVES, P. **Português de Moçambique**: uma variedade em formação. Maputo: Livraria Universitária-UEM, 1996.
- GONÇALVES, P. The role of ambiguity in second language change: the case of Mozambican African Portuguese. **Second language research**, v. 18, n. 4, 2002, p. 325-347.
- GONÇALVES, P. Português de Moçambique: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa. *In*: SINER, C. (Ed.) **Norm und Normkonflikte in der Romanian**. Munich: Peniopol, 2005, p.184-195.
- GONÇALVES, P. **A génese do Português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010a.
- GONÇALVES, P. Perfil linguístico dos estudantes universitários: áreas críticas e instrumentos de análise. em Perpétua G. (org.). **O português escrito por estudantes universitários**: descrição linguística e estratégias didáticas, Maputo, Texto Editora, 2010b, p. 15-50.
- GONÇALVES, P. Afinal, o que são erros de português? em Perpétua Gonçalves e Conceição Siopa (Orgs.), **Caderno de pesquisa** n.1. Didática do português L2, Maputo, Imprensa Universitária, 2015b, p. 21-36.
- JÚNIOR, J. C. L; AUGUSTO, M. R. A. PassiveP and the distinction between eventive, resultative and stative passives. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Revista 19 —Volume Especial, 2017, p. 37-71.
- KEENAN. E. L; DRYER, M. S. Passive in the world's languages. **CUUK170B-Shopen** v. 1, 2006, p. 225-265.
- KRASHEN, S. **Second language acquisition and second language learning**. New York: Pergamon Press, 1981.
- KRASHEN, S. **The input hypothesis**: issues and implications. UK: Longman, 1985.

- KRATZER, A. Building Statives. *Proceedings of the twenty-Sixth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society: General session and parasession on aspect*, 2000, p. 1-15.
- LONG, M. H. Input, interaction, and second-language acquisition. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 379, 1981, p. 259-278.
- MADEIRA, A. Aquisição de língua não materna. In FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (Textbooks in Language Sciences 3). Berlin: Language Science Press, 2017, p. 305-330.
- MARTINS, C. Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, v. 1, n. 1, 2015, p. 26-51.
- MOTA, M. A. A categoria gramatical gênero, nos nomes e adjetivos do Português: algumas reflexões. *Diadorim, Especial*. Rio de Janeiro, 2016, p. 150-164.
- NGUNGA, A.; SIMBINE, M. C. *Gramática descritiva da Língua Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos – UEM, 2012.
- NHATUVE, D.; MAVOTA, L. I. Passivas eventivas no português de Moçambique. *Revista Porto das Letras*, v. 7, n. 1, 2021, p. 221-243.
- NHATUVE, D. Para a normatização do português de Moçambique. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 465-491, 29 mar. 2018.
- NHATUVE, D. Reflexão sobre a normatização do Português de Moçambique. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 1997-2007, 2017.
- NHATUVE, D.; FONSECA, M. C. Aspectos da sintaxe do português falado no sul de Moçambique. *Revista de Letras*, Vila Real, série II, n. 11, p. 145-156, 2013.
- OBSERVATÓRIO de Neologismos do Português de Moçambique. Disponível em: <https://catedraportugues.uem.mz/observatorio>. Acesso: 15 abril. 2022.
- PERES, J. A; MÓIA, T. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.
- SAVILE-TROIKE, M. *Introducing second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- SCHWARTZ, B.; SPROUSE, P. L2 cognitive states and Full Transfer / Full Access model. *Second Language Research*. v. 12, n. 1, 1996, p. 40- 72.
- SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, v. 10, 1972, p. 209-231.

SWAIN, M. Communicative competence: Some roles of comprehensible *Input* and comprehensible *output* in its development. In: GASS, S.; MADDEN, C. (eds.). **Input in second language acquisition**. Newbury House, Rowley, Mass, 1985, p. 235-252.

THOMAS, M. Universal Grammar and the interpretation of reflexives in a second language. **Language**, v. 67, 1991, p. 211-39.

WHITE, L. Second language acquisition: from initial to final state. In: ARCHIBALD, J. (Ed.). **Second language acquisition and linguistic theory**. Oxford: Blackwell, 2000, p. 130-55).

WHITE, L. **Second Language Acquisition and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

XAVIER, G. R. Acesso à Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2). **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 7-20, 2007. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1035>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Recebido em 25/09/2021.

Aprovado em 09/03/2022.